



A CONTRACULTURA NO CENÁRIO METAL UNDERGROUND: REFLEXÕES SOBRE A CULTURA DAS MINORIAS NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA

Alisson Wagner de Arruda Silva
Universidade Estadual da Paraíba
alissonwagner@live.com

Leandro Guimarães Ribeiro
Universidade Estadual da Paraíba
leohistoriacg@gmail.com

Michelle Santino Fialho
Universidade Estadual da Paraíba
Michelle-fialho@hotmail.com

RESUMO: Este estudo busca tecer discussões a respeito do cenário da música Heavy Metal underground, tendo em vista que este tem toda carga de influência do movimento de contracultura, o qual tem origem nos idos dos anos 1960. É partindo de observações construídas com base nas experiências e vivências das minorias que propomos levantar uma abordagem histórica e historiográfica direcionada à representação identitária do grupo social aqui estudado, simbolizado pelo headbanger, sujeito participante desse cenário. Apresenta-se, portanto, a problemática que amparará este artigo: Quais as representações produzidas pelos saberes culturais experimentados sobre a cultura underground? Para que este questionamento seja refletido, discutiremos a respeito dos códigos construídos, inscritos e ‘invisíveis’ nas tramas culturais cotidianas. O objetivo principal versa sobre a análise da cena metal underground, para que, através dela, possa buscar indícios que nos mostre o quão forte mostra-se as relações desenvolvidas em seu cerne, sendo isto verificado através de seus valores, concepções e crenças. Ao ponto de consolidar-se até os dias atuais, esta cultura emerge assim não só inerente às suas táticas de resistência em torno de uma sociedade pertencente a uma região historicamente fervorosa no que concerne a questão religiosa e cultural, como também pretende mostrar todo um conjunto de práticas cotidianas dos sujeitos que viviam dentro deste contexto subterrâneo. O conceito de cultura discutido nesta narrativa se traduz, portanto, eminentemente associado ao conceito de poder e identidade. Assim, analisando este cenário pontuamos uma abordagem que se potencializa como um elemento essencial para a consolidação identitária e cultural de um grupo.

Palavras-chave: Underground, Cultura, Poder; Identidades.



INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar as relações existentes na cena metal underground, mostrando-o como um movimento de resistência à um contexto cultural hegemônico, onde os valores culturais vigentes eram impostos através da convivência no meio da sociedade.

Para o primeiro momento, tendo em vista a importância de se entender de onde irá surgir a cultura underground¹, será feita uma abordagem acerca do que seria a contracultura, qual a sua relação com a arte, principalmente se tratando da sua parte musical, como também analisar essa nova forma de ver o mundo, relacionando todo esse contexto que aflorou nos anos 1960 com o surgimento, mais adiante, do Heavy Metal².

Segue-se com uma abordagem sobre o que seria essa cultura underground. Aqui serão levantadas as relações que acontecem no âmbito da cena underground entre os sujeitos que à praticam e que através dessas relações constroem esse cenário. Serão mostradas também esse sentimento de pertencimento a uma “tribo urbana” que participa ativamente de uma (contra) cultura de rua, a qual era extremamente marginalizada pela sociedade da época, sendo esta, refletida até os dias atuais. Também será abordado a relação de oposição ao metal Mainstream³ como um dos elementos de identificação do meio underground.

Antes de qualquer coisa, sabemos que a escolha do um determinado tema pelo autor sempre vem com uma carga de intencionalidades baseada em seu histórico de vida. Este trabalho não seria diferente dos demais pois o autor faz parte dessa tribo urbana a qual se auto intitulam headbangers⁴. Falar de algo “ao qual o sangue ferve mais”, não é tão somente prazeroso como também dá uma sensação de que se está contribuindo para um maior conhecimento daquilo que muitas vezes é tratado – ou induzido - com bastante preconceito, ainda.

Também podemos falar que negar o Rock/Metal, antes de um ato extremamente

¹ Underground. Ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, dos modismos e que está fora da mídia.

² Heavy Metal. Gênero do rock que se desenvolveu no final da década de 1960, principalmente no Reino Unido e nos Estados Unidos. As bandas que criaram o heavy metal desenvolveram um som bastante massivo e encorpado, com um timbre saturado e distorcido.

³ Cultura da massa ou Mainstream ("corrente principal") é um termo que define o pensamento ou gosto corrente da maioria da população. É muito utilizado atualmente referindo-se às artes em geral como na música, no nosso trabalho.

⁴ Headbanger. Também chamado de metalhead ou metaleiro, é a denominação dentro da cultura para designar os fãs de heavy metal e suas variantes.



conservador, é também negar toda a sua influência no tempo. Estudar esta cultura é tentar compreender os movimentos da mentalidade durante os tempos, principalmente daqueles jovens que se propõe a viver de outra forma que não seja aquela imposta como padrão pela sociedade. Não é só entender porque um homem deixa seu cabelo crescer e porque usa roupas pretas. É entender esse mesmo jovem – geralmente jovens de 13 aos 80 anos – no seu tempo, as questões de identidade e de suas práticas cotidianas. É entender a resistência desses mesmos indivíduos perante não só as regras da sociedade, a da repressão policial devido ao visual e muitos outros pontos, como também as próprias regras vivenciadas dentro do âmbito familiar.

É descobrir e entender métodos usados, tanto consciente como inconscientemente, para burlar tais adversidades e assim poderem continuar fazendo aquilo que muitas vezes acaba se tornando o principal motivo para querer continuar vivos. Estudar essa contracultura nos possibilita, à grosso modo, estudar os inconformismos contra as regras vigentes, as incertezas de uma geração, os problemas e tristezas e até mesmo entender outras formas de alegrias e prazer que esses grupos constroem e vivenciam enquanto coletivo ou mesmo individualmente, sem que sejam “tragados” pelos padrões impostos às massas.

Para compreender a importância de tal tema, basta perceber uma de suas várias características que é a sua essência contestatória, e que junto com a sua sonoridade “pesada” consegue arrastar multidões de pessoas não só a escutarem este tipo de música como também a tornarem isso um modo de ver o mundo, um estilo de vida.

METODOLOGIA

A metodologia orienta a construção do método que possibilita a realização da pesquisa. O método reúne “atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do pesquisador”. (LAKATOS, MARCONI, 2006, p. 83).

Sob este viés, o presente estudo trata-se de pesquisa desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa cuja “preocupação central é identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos” (GIL, 1999, p. 42). Neste caso, compreender como se engendrou o cenário underground enquanto um movimento de contracultura, tornou-se fundamental para alcançar os objetivos propostos.



Para Gil (1999), a pesquisa explicativa “aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. [...] é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente” (idem, p. 42).

Sob o prisma de apreensão e interpretação da realidade a metodologia que desenvolvemos neste trabalho constituiu-se em uma revisão de literatura bem como no mapeamento de alguns trabalhos (artigos, dissertações) que já tratam da temática. Foi instrumentalizado, pois, o procedimento da pesquisa bibliográfica, traduzida em escritas sobre o tema em questão e frisando sua verdadeira importância no que concerne às informações a serem tratadas, explicitando causas e consequências envolvidas no tema, bem como expondo as informações disponíveis sobre o assunto. Para a discussão, será necessário fazer uso de bibliografias a despeito do conceito de cultura/contracultura, do conceito de identidade e do movimento underground.

É sempre importante frisar que as fontes recolhidas não trazem à tona a totalidade dos fatos, mas que esta simboliza eventualidades importantes dentro do objeto analisado, sendo assim de grande importância para esta pesquisa. Teremos como referência alguns textos que abordam a temática do Rock/Metal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. CONTRACULTURA: TÁTICAS DE RESISTENCIA FRENTE AO CONTEXTO SOCIO-POLITICO DO SÉCULO XX

Desde de muito cedo aprendemos alguns valores culturais que, geralmente, são passados por nossos familiares. Muitas vezes esses valores são vistos de uma forma que, a partir da nossa vivência como participantes do ambiente familiar, acabamos aceitando como sendo algo “natural” e nossa visão sobre a vida, o mundo e as relações que construímos nele, são quase sempre passadas por meio desta convivência, geralmente entre pais e filhos, de forma que parece ser algo biológico, além do fato de sentirmos que um grande número de pessoas também vive ou tem quase os mesmos pensamentos acerca da realidade em que estamos inseridos.

Com isso deixamos de perceber que a cultura é um produto histórico, criado por várias pessoas através do tempo, e através de um processo de massificação é inserida na história do mundo, sendo



influenciada por vários fatores como, por exemplo, a época, os lugares ou mesmo as condições de vida, criando assim as mais variadas leituras do mundo. Sobre isto Laraia (2008) afirma que:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativas, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. (LARAIA, 2008, p. 68).

O homem é um produtor de cultura. Ele cria, a todo instante, diversas maneiras de ver a realidade e de interpretá-la. Sabendo disso, é importante ressaltar que uma cultura não se sobrepõe a outra. Consideramos que uma cultura é apenas uma das várias formas de abordagem da realidade vivida pelo indivíduo no meio em que esta inserido, a qual depende dos inúmeros fatores que contribuem para moldar esta percepção de acordo com a sua subjetividade e daquilo que lhe é passado através do tempo. Não existe ordem hierárquica, todas as culturas têm sua devida importância para seus sujeitos.

Mas nem sempre isso foi lembrado pelos sujeitos históricos através do tempo. Ou melhor, não era pensado. Então o saldo histórico é o de que diversos povos, por se acharem “superiores” aos demais, quase sempre tentaram empurrar goela a baixo sua cultura, utilizando-se dos meios possíveis para que pudessem efetivar tais ações. E o resultado final é a grande monstruosidade que foi ocasionada, mas que já foi amplamente debatida nos livros de história, a exemplo dos grandes genocídios que os povos europeus submeteram os ameríndios dado o contexto dos processos de colonização por parte dos mesmos.

Tendo essa breve explanação sobre cultura, voltaremos nossa atenção para o contexto que viviam os Estados Unidos da América na década de 1960. Eram tempos de Guerra Fria, no qual foi travado um longo conflito “silencioso” entre as duas potências mundiais da época, onde os Estados Unidos comandavam um dos lados, enquanto a URSS liderava o outro. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, eles haviam se tornado um país extremamente tecnocrata, com uma indústria altamente avançada e com um forte ideal de busca pela modernização, racionalização e planejamento. Tudo isso somado a uma população baseada no consumismo e guiada pela crença no pensamento científico, o qual se mostrava como algo incontestável e indiscutível. Essa defesa dos valores americanos era pregada em contraposição aos valores russos.

Apesar disso, os Estados Unidos também contavam com um enorme contingente de jovens insatisfeitos com a cultura tradicional daquele país. Estes encontraram ali um ambiente propício para o surgimento de um novo movimento



que iria se opor a toda aquela cultura que lhes eram impostas através das formas anteriormente citadas. A partir daí começaram a surgir jovens de cabelos compridos, roupas coloridas, e que adentravam agora pelos campos do misticismo e das drogas (principalmente as alucinógenas como o LSD). Aquilo que parecia ser algo supérfluo para a maioria da população se tornou algo que, no mínimo, deu o que falar chegando a gerar calorosos debates sobre o tema. Uma nova minoria tomava forma na sociedade em busca de trazer para as discussões aquilo que acreditavam. Aqui convém inserirmos o conceito de minorias de acordo com Sodré (2005):

“Minoria não é, portanto, uma fusão gregária mobilizadora, como massa ou a multidão ou ainda um grupo, mas principalmente um dispositivo simbólico com uma intencionalidade ético-política dentro da luta contra-hegemônica” (SODRÉ, 2005, p.11).

Estava surgindo um novo tipo de contestação social, de caráter extremamente libertário, que conseguiu criar um novo estilo de vida e de ver o mundo como também conseguiu fundar o que ficou conhecido como uma cultura underground, colocando contra a parede os principais aspectos da cultura ocidental vigente na época. Aqui surgiu, portanto, a contracultura.

Segundo Maciel (1981) a contracultura pode ser definida como “uma cultura marginal, independente do reconhecimento oficial. No sentido universitário do termo é uma anticultura e obedece a instintos desclassificados nos quadros acadêmicos. ” Ainda na fala de Maciel (1981), ele diz que “a contracultura pode ser entendida como um fenômeno histórico concreto e particular, cuja origem pode ser localizada nos anos 60, e também como uma postura, ou até uma posição, em face da cultura convencional, de crítica radical. Entendemos que, no primeiro sentido, a contracultura não é, só foi; no segundo, foi, é e certamente será. ”.

Pode-se perceber que no primeiro momento, a contracultura é entendida como um fato histórico que se propagou como um movimento juvenil que marcou e se resumiu na década de 1960. No segundo momento, percebe-se como algo que transcendeu com o tempo e que ainda continua com seu caráter contestatório à cultura tradicional ou oficial até os dias atuais.

Esse termo surgiu e ganhou força, principalmente, através da divulgação na imprensa, de onde ela era amplamente difundida como sendo um conjunto de novas manifestações culturais as quais iam de encontro com a cultura vigente da época. Este fato não só foi percebido nos Estados Unidos, como também na Europa e, numa escala menor, em outros continentes.



O que chama atenção é que essa nova forma de contestação social surgiu dentro das classes alta e média através dos jovens. Como o próprio Pereira fala:

“Não se tratava da revolta de uma elite [...]. Nem de uma ‘revolta de despossuídos’. Ao contrário. Era exatamente a juventude das camadas altas e médias dos grandes centros urbanos que, tendo pleno acesso aos privilégios da cultura dominante, por suas grandes possibilidades de entrada no sistema de ensino e no mercado de trabalho, rejeitava esta mesma cultura de dentro. E mais. Rejeitavam-se não apenas os valores estabelecidos, mas, basicamente, a estrutura de pensamento que prevalecia nas sociedades ocidentais.” (PEREIRA, 1983, P. 23).

A juventude norte-americana encontrou, como dito anteriormente, um ambiente propício para que a contracultura viesse à tona. Destacaremos alguns pontos que fizeram com que isto ocorresse de fato. Anteriormente à década de 1960, ainda nos anos 1950, surge uma geração de poetas boêmios, chamada de geração beat⁵, os quais já apresentavam o estilo contestatório e rebelde e que tem seu maior representante o Allen Ginsberg⁶, líder e inspirador do flower Power⁷, e que influenciou a contracultura principalmente com o icônico poema intitulado “Howl⁸”. O jovem norte-americano dos anos 1960 vai encontrar também como influência a figura do hipster⁹, o qual apresentava características, como diz PEREIRA (1983), de “desprendimento com a sociedade”, bem como pregavam um estilo de vida baseado no “existir sem raízes”. Ou seja, “empreender essa viagem sem rumo pelos rebeldes imperativos do ego”.

Um outro fator que talvez tenha causado uma maior influência para o surgimento dessas novas formas de contestação é o fato de que, ao contrário dos jovens europeus que já vinham com uma sólida tradição de contestação política ligada à Esquerda, os jovens norte-americano, com uma educação voltada ao liberalismo, estariam mais “sensíveis” à outras formas menos políticas e sistemáticas de protestar, principalmente se tratando destas formas acontecerem fora do âmbito político. Uma das inúmeras formas de contestação se mostrou

⁵ Termo utilizado para descrever um grupo de escritores e poetas norte-americanos, que se tornaram conhecidos no final da década de 1950 e no começo da década de 1960. Estes influenciaram diretamente o movimento hippie dos anos 1960 nos Estados Unidos.

⁶ (Newark, Nova Jersey, 3 de junho de 1926 – Manhattan, Nova York, 5 de abril de 1997) foi um escritor e poeta estadunidense da geração beat, que ficou conhecido pelo seu livro de poesia Howl (1956).

⁷ (Força das Flores) foi um slogan usado pelos hippies da década de 1960 até o começo dos anos 1970 como um símbolo da ideologia da não-violência e de repúdio à Guerra do Vietnã. O termo foi utilizado pela primeira vez pelo poeta Allen Ginsberg em 1957. Desde então ele é frequentemente utilizado para se referir aos anos 60.

⁸ “Uivo”, em tradução livre.

⁹ Um estilo de vida alternativo, baseado em padrões estéticos, de consumo e de comportamento não convencionais ou não perfeitamente identificados com a cultura de massa. Aquele que se opõe aos “Squares” ou, em tradução, os “Caretas”, “Quadrados”.



através da Arte, principalmente quando se fala do quesito “música”. É aí que o Rock entra em cena.

Como CHACON (1982) nos diz, “O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento. É aqui, principalmente no Rock produzido nos anos 1960, que a juventude mostra que se tornou uma força social poderosa. Aqui teremos nomes que até os dias de hoje ecoam com enorme força que até os mais distraídos confirmariam que, pelo menos, já ouviram falar. Jimi Hendrix, Janis Joplin, The Doors, Bob Dylan, e os mais famosos: The Rolling Stones e The Beatles.

O Rock foi a síntese da contracultura. Entender o surgimento do Rock é acompanhar toda a história da contracultura. Como diz Pereira (1983) “foi essa música que praticamente estabeleceu o método fundamental da criação da contracultura”.

2. O MOVIMENTO UNDERGROUND E A LUTA CONTRA HEGEMÔNICA NO PROCESSO DE MASSIFICAÇÃO CULTURAL.

Assim como a contracultura influenciou – e ainda influencia - todo um estilo e modo de ver a realidade, ela também fundou o que é chamado de cultura underground. “Subterrâneo” em tradução livre, o underground é uma expressão usada para designar um ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, dos modismos e que está fora da mídia. Ela também pode ser conhecida como Cultura Underground ou mesmo Movimento Underground, designando assim tudo o que foi/é produzido dentro de um ambiente cultural ou contracultural com estas características já citadas. Para este trabalho, nos interessará o conceito de “cena underground”, que nos remete a produção de cultura underground em um determinado período e local.

Com relação ao que se refere “cena”, usamos o termo baseando-nos na definição de cena musical, conforme expõem Junior (2011):

A ideia de “cena” foi pensada para tentar dar conta de uma série de práticas sociais, econômicas, tecnológicas e estéticas ligadas aos modos como a música se faz presente nos espaços urbanos. Isso inclui processos de criação, distribuição e circulação, além das relações sociais, afetivas e econômicas decorrentes desses fenômenos. (JUNIOR. 2011, p.11)

Dentro de uma cena underground, ou seja, longe dos holofotes da grande mídia, não só



o Rock vai ter um grande espaço, como também se destacará um dos seus gêneros mais agressivos: o Heavy Metal.

Para melhor entendermos o que seria o Heavy Metal, faremos uma comparação através da oposição entre Mainstream e Underground. Nesse sentido CAMPOY (2008) nos mostrará que “perceber o heavy metal dividido em dois grandes tipos, um central, Mainstream, outro extremo, underground, não só é uma representação do estilo como também articula a vinculação dessas pessoas no underground.” Dessa forma deve ser notado uma articulação entre os sujeitos que compartilham do mesmo gosto pelo Heavy Metal. Não caso do Metal Mainstream, ele fará parte de uma indústria fonográfica, onde os shows são agendados pelas gravadoras, há também uma grande exposição nas revistas direcionadas a esse tipo de assunto e também existe uma grande expectativa com relação aos lançamentos de suas gravações ou mesmo fotos e pôsteres¹⁰. Esse primeiro caso há uma nítida separação entre quem é público e quem é banda, onde o primeiro fica relegado a apenas consumir o que é produzido pelo segundo.

No segundo caso, com relação ao Metal Underground, existe uma relação mais íntima entre “público” e “banda”. Nesse caso, os próprios membros participantes das bandas se tornam público de bandas de outros sujeitos participantes do underground, podendo isso acontecer inclusive no mesmo show/evento. Como Campoy (2008) nos mostra:

“O fã, por sua vez, não é mais aquele consumidor de música, ávido colecionador de últimos lançamentos e raras gravações. Ele se torna executor da prática heavy metal, compondo músicas, produzindo shows e veiculando gravações. Constituinte de grupos locais e produtor de estéticas sonoras, ele faz do heavy metal uma ação social e um modo de inserção na cidade.”
(CAMPOY, 2008, P.16)

Aqui é notada, “uma forte relevância indenitária” (Campoy, 2008), onde o sujeito não apenas que escutar heavy metal, e sim, vivenciar o heavy metal, ser mais além do que um mero apreciador. Ele quer estar inserido nesse espaço e praticá-lo de alguma forma, seja tocando em uma banda, seja produzindo shows, seja produzindo zines¹¹ ou resenhas ou mesmo abrindo uma distribuidora - comumente chamada de “distro” - e lançando materiais de bandas underground.

¹⁰ Cartaz impresso, nesse caso com uma imagem de um cantor, banda ou somente o logotipo da banda. Usado geralmente para decoração.

¹¹ Zine, ou fanzine, é uma pequena revista de difusão variável e periodicidade irregular, editorada e redigida pelos próprios apreciadores do metal underground, mas muito comum em outros estilos de música também, principalmente no punk.



Isso nos leva a questionar quem seria esse sujeito, que está a todo momento inserido dentro do meio underground, praticando alguma dessas atividades já citadas. É aí que entra como sujeito principal a figura do headbanger. Esse termo define aqueles apreciadores do heavy metal mais assíduos, em detrimento do que se costuma denominar popularmente como “metaleiro”. Aliás, a própria palavra “metaleiro” chega a ter sentido de um verdadeiro insulto por ser considerada, dentro dos que praticam o underground, uma palavra pejorativa.

Como já citado anteriormente, o headbanger seria aquele sujeito que pratica o heavy metal de alguma forma dentro dos espaços underground. Voltando um pouco ao que mostramos sobre contracultura, o headbanger também é aquele que irá se opor não só aos padrões estabelecidos como verdadeiros pela cultura tradicional, como também irá se opor aos holofotes da grande mídia, por ver suas produções como meros produtos mercadológicos com o único sentido de obter lucros. Aqui será notada uma resistência ao que é imposto pelo sistema, sendo cabida tanto aquela segunda forma de abordar o que seria a contracultura, ou seja, que ela não foi somente um fato histórico que se resumiu aos anos 1960, como ela ainda é um espírito contestatório que transcendeu ao longo dos anos.

A partir disso, é importante mostrar também uma forte relação que os próprios sujeitos – os headbangers – têm entre eles mesmos. Para isso se encaixa perfeitamente aquilo que Maffesoli (1998) chamou de neotribalismo, conceito se traduz nos “laços e sentimentos de pertença, vinculados a uma ética específica”. Esses sujeitos sentem essa necessidade de compartilhar não somente do mesmo gosto musical como também esse conjunto de práticas de inserção dentro do underground.

Outro ponto que mostra esse compartilhamento de ideias e visão de mundo aparece em seu visual. Aqui teremos como características mais marcantes o uso de roupas geralmente de cor preta, cabelos compridos, coturnos ou mesmo as velhas basqueteiras¹² brancas no estilo “anos 80”, cintos com réplicas de projeteis de fuzil e as famosas jaquetas repletas de patch¹³. Isso mostra um outro ponto que reforça, mais uma vez, essa questão identitária entre esses sujeitos, os headbangers.

Poderíamos aqui abordar mais centenas de pontos não menos importantes dentro do contexto da cena underground, como a questão de composição das músicas, o que expõe em suas letras, outros fatos que levam esses sujeitos a construir uma cena em meio a tantas

¹² Tênis de cano longo usado por jogadores de basquete, principalmente na década de 1980.

¹³ Patch. Pequeno retalho, geralmente de tecido, com algum logotipo de banda ou símbolos, como cruzes invertidas, pentagramas, etc.

adversidades, enfim, vários tópicos que poderiam ser bastante relevantes, mas que ficará para uma próxima pesquisa.

3. CONCLUSÕES

A partir do que abordamos neste artigo, entendemos que o movimento denominado de contracultura surgiu em meio a um contexto em que as práticas culturais da sociedade propagavam a existência de um padrão a ser seguido, padrão estes que historicamente era repassado no meio das sociedades através da genealogia familiar. A existência de tal padrão é o que acaba impondo algumas culturas sobre outras, que, acabam sendo consideradas inferiores, as vezes exterminadas, por não se enquadrarem no que é massificado como sendo o modelo cultural a ser seguido.

A partir dessa visão, vimos que na década de 1960, surge nos Estados Unidos, um movimento contrário aquilo que era imposto como cultura tradicional, que ficou conhecido como Movimento de Contracultura e que teve grande participação dos jovens, criando inclusive, uma consciência etária.

Foi mostrado também que esse novo tipo de manifestação juvenil adotou aspectos não convencionais de contestação, adentrando para outros campos, principalmente o campo da arte, especificamente na música, a exemplo do seu grande impulsionador: o Rock.

Vimos também que a Contracultura abriu novos espaços de contestação e um deles foi a Cultura Underground. Neste sentido, o movimento underground surge como efetivação desse processo de luta contra-hegemônica. Considerada na época como rebelde, iniciaria a trajetória de um movimento que até hoje se consolida no processo de fuga dos padrões impostos pela sociedade por meio, ainda, de suas práticas culturais que são repassadas através do que é conhecido através do conceito de Neotribalismo proposto por Maffesoli.

O movimento Underground apresenta-se como um movimento de minoria social em busca da propagação das ideais que consideram como eixo balizador do movimento, ideias que rompem com os modelos sociais impostos culturalmente e midiaticamente aos membros da sociedade em que se esta inserido.

No movimento underground encontrasse a figura auto denominada com Headbanger, que é o apreciador do Heavy Metal - um gênero mais agressivo do Rock – e que este sujeito não apenas aprecia o som Heavy metal, como também



ele o pratica de alguma forma dentro da cena Underground.

Esse sentimento de pertença a essa cena como também pelo sentimento contracultural divulgado no meio underground, leva-o, apesar de todas adversidades enfrentadas por ele, a querer participar de alguma forma para fortificar e solidificar esse espaço de sua atuação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. **Trevas na Cidade** – o underground do metal extremo no Brasil. 2008. 270 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

CHACON, Paulo, O que é rock. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JUNIOR, J.J et al. **Entre os afetos e os mercados culturais**: As cenas musicais como formas de mediatização dos consumos musicais. In: Dez anos a mil: mídia e música popular massiva em tempos de internet. JUNIOR, J.J. et al (Org). Porto Alegre. Editora Simplíssimo. 2011. p. 11.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001

.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MACIEL, L. C. **Revista Careta**, Ano LIII, nº 2736, de 20/08/1981, p. 19.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986

SODRÉ, M. **Por um conceito de minoria**. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005. p. 11-14